



MICKAËL DE OLIVEIRA

OBRA COMPLETA

Tomo I
2006-2014

TEATRO

lúmus

MICKAËL DE OLIVEIRA

OBRA COMPLETA

Tomo I
2006-2014

TEATRO

húmus

HIPÓLITO

monólogo masculino sobre a perplexidade

(2009)

O espectáculo “Hipólito – monólogo masculino sobre a perplexidade” foi o primeiro em que colaborei com o John Romão, enquanto encenador, com o qual fundei o Colectivo 84. Apresentámos o espectáculo em Lisboa no Negócio/ Zé dos Bois, em Fevereiro de 2009. Portanto, este é um texto-dedicatória. Parece sempre que foi ontem, mas não foi.

Direcção e espaço cénico | John Romão

Interpretação | John Romão e Martim Barbeiro

Desenho de luz | José Álvaro Correia

Desenho de som | Francisco Pessanha e Jorge Pina

Colaboração coreográfica | Victor Hugo Pontes

Colaboração cenográfica | Rita Álvares Pereira

Assistência de direcção | Alexandra Sargento

Crianças retratadas em cena | André de Carvalho, Francisco Monteiro, Merlin Ferreira, Muhamed Kemoko, Nuno Pereira

Fotografias das crianças | Martim Ramos

Fotografias de cena | Eduardo Matos

Produção | Ágata Alencão e Lara Silveira

Assistência técnica | Mariana Vasconcelos

Co-produção | Murmuriu, Negócio/ZDB, Colectivo 84

Apoios | Alcantara, Companhia Clara Andermatt, Câmara Municipal de Almada, ESTC, Fundação Calouste Gulbenkian, Re.AL, Teatro Municipal Maria Matos, Teatro Municipal S. Luiz

I

No início disse que tinha sido por causa de deus
que deus a tinha posto doente por ser filha de quem era
No início nem sabia o que me estava a fazer
tinha sido proibido há anos de ligar a televisão
Ligava-a às escondidas

No início pensei que fosse uma brincadeira
uma parvoíce
Mas depois aleijou-me
atou-me
e apertou-me com um braço enquanto que com o outro me tirava
as cuecas
Dizia que tinha direitos sobre mim e que ia contar o que eu tinha feito
que tinha beijado um boneco masculino
Ia contar-lhe só porque o boneco era masculino
Mas não o beijei por ser masculino
beijei-o porque era fofo e meu amigo

A dada altura disse-lhe
mas sujaste-me
quero tomar banho
Ela disse-me que eu estava limpo e que não precisava
Perguntou-me

Não te sentes mais leve agora
Disse-lhe que sim
Então argumentou que era a prova de que o que me tinha feito
curava
sarava certas feridas

Então porque é que não queres que conte às pessoas
Porque não é uma coisa para contar
Quando vais à casa de banho dizes aos estranhos o que foste
lá fazer

Não pois não
 Neste caso é a mesma coisa
 não se diz nada porque ninguém tem nada a ver com isso
 Mas o que fizemos não é normal

É normal sim
 é normal porque é assim que as pessoas se amam
 O meu pai fez-me o mesmo e mais tarde agradeci-lhe
 Os adultos fazem isso às crianças
 é uma prova de amor
 aproxima-os

Se é uma prova de amor porque é que a tua boca cheira a vinho
 E porque que é que os meus amigos nunca me falaram disso
 Porque como já te disse não são coisas que se contam
 Porque é tão sujo como quando vamos à casa de banho
 É tão sujo como a merda

E o teu corpo não cheira bem
 parece que está qualquer coisa a apodrecer
 fiquei com a boca a cheirar forte
 Não gosto da sensação
 Se não te importas não queria voltar a meter a minha boca onde

É para o teu bem
 Eu é que sei o que é bom para ti

Mas quando estamos assim
 não te reconheço bem
 não chamas por mim chamas pelo pai
 E é aí que tenho medo
 ficas estranha

II

Tira tudo
Vai tirando a roupa
Despacha-te

É isso
Mas falta o resto

Não queres tirar as meias

Não comeces a chorar porque não vai acontecer nada de mal
Não te vou magoar
já sabes que não dói
Senão já tinhas ido ao médico
e já sabes que se te portares bem compro-te um *kinder*

Mas há qualquer coisa que me deixa nervoso
Há qualquer coisa que me faz negar
no milésimo de segundo antes de pores a mão nas minhas cuecas

Não devias pensar tanto
Só te vai fazer bem
Depois é que vais precisar de umas sessões de psicanálise
e arrotar tudo cá para fora
mas eu pago-tas
Só quando arrotamos é que fazemos bem a digestão

E o teu hálito de adulto nocturno
vai misturar-se ao sabor do chocolate que comes como uma hóstia
ajoelhado frente à Pietà

Perguntei-lhe se o meu pai sabia e deu-me uma tarefa
Se algum dia contares ao teu pai juro que nessa mesma noite
entro no teu quarto às escondidas e parto-te a cara
esfaqueio-te esfaqueio-te até não ter mais força nos pulsos

a mais importante de todas
fi-la contar tudo
como tudo começou
idade
lugar
objectos
palavras

O início da cassete começa com a frase
Sabes que eu te amo e que sou uma pessoa normal e não uma
mulher que participa de uma tragédia e que te arrasta nela
e as minhas mãos são puras
a poluição é mental

Há três dias
ela telefonou-me e depois de uma longa conversa sobre a cassete
perguntou-me mais uma vez como iria ser recordada
Não sei
Tanto faz
Talvez como Fedra ou a mãe que amou o filho com as mãos

Para o Mickaël
Mapa de memórias

Estas linhas não serão críticas nem literárias, a minha escrita é cénica, assim partilharei o mapa das cumplicidades estabelecidas com o autor, que a minha memória resolve libertar em fragmentos.

“Não te deixes apanhar nos sonhos dos outros”, ou algo semelhante, servia de mote para o primeiro cruzamento, no jardim de inverno, durante os encontros de novas dramaturgias contemporâneas, onde uma magistral actriz sentava-se no colo do autor e depositava-lhe nas mãos um coração. A minha maneira de lhe devolver o centro do texto.

Mais tarde, em Liège, no Corps de Textes, a jantar com piratas e a descobrir as maravilhas trapistas do engenho clerical, esventrávamos mais as barreiras e as distâncias, e falávamos em linguagens comuns.

Em Santiago, as noites contínuas que rebentavam em abraços de violência e novas cumplicidades ou em fugas através do deserto.

Ou em Oslo, espécie de paraíso inflacionado onde o ar purificado fez com que víssemos a realidade cheia de beleza e oportunidades. Um lugar onde regressar. Longe do nosso tudo, capaz de tudo fazer esquecer e construir algo de novo.

A caminho de Estocolmo em madrugadas infinitas tropeçávamos em memórias e tentávamos perceber o passado, confrontá-lo e desvanecer fantasmas.

Em Lisboa, no centro de operações, ou no Porto, onde tudo é possível, construímos territórios e edifícios habitados por muitos e bons companheiros de viagens.

A caminho de Coimbra para um refúgio accidental ou na Guarda ou Ponta Delgada fingíamos cruzamentos protocolares e alimentávamos tempos de espera.

Último ponto de passagem provisória, casa Cabeira, algures num país profundo, habitado por estranhos seres ficcionais...

A vida pode ser uma viagem. E o mapa que vamos construindo com as nossas vivências e experiências espelham-se na memória como alicerces de uma existência. E essa existência sendo partilhada, torna-se mais rica. E tem sido uma boa viagem.

O resto, o resto é Teatro!
Parabéns.

Nuno M Cardoso

NOTA DO AUTOR

Neste volume consta uma parte dos textos que escrevi para teatro, de 2006 a 2014, tendo em conta as últimas versões de cada, depois de um trabalho intrínseco com o palco e de uma franca partilha com as equipas criativas e os seus textos - um texto é um texto e não o “teatro”.

Reuni assim cinco textos sob o título de conjunto (propositadamente desadequado) de *Obra Completa*, com alguma ironia, provocação, mas com uma ideia que importa reter – o texto para teatro, quando publicado, é um corpo morto. A noção de “obra completa” remete-nos para o lugar do paradoxo. Nenhuma obra de teatro é, em livro, completa – a incompletude é a sua principal característica: a morte encontra-se com o texto no acto de impressão. Mesmo assim, a sua publicação é uma oportunidade para observar os mortos à espera que alguém os ressuscite, já que os seus órgãos e líquidos conservam-se melhor do que os nossos. Portanto, proponho ao leitor não uma sepultura, mas todo um cemitério ou melhor, uma espécie de cemitério criogénico que arquiva um passado com devir.

Se quisesse ser mais rigoroso com a cronologia do meu trabalho, o volume começa pelo terceiro texto que concebi, após duas tentativas difíceis de “escrever” para o palco, *À espera adeus eu fico* (2004) e *Hoje fiz amor pela terceira vez* (2005), encenados por mim no Teatro Académico de Gil Vicente. Depois destas duas tentativas “escolares”, em 2006 compus *Aos mortais entregou o que é teu*, cuja última versão que conheceu o palco assumiu o nome *Oslo – Fuck them all and everything will be wonderful*, co-criado com o encenador Nuno M Cardoso, em 2014. Este foi um projecto de amadurecimento lento com a duração de 8 anos, que reescrevi sempre insatisfeito, depois de ter ganho o Prémio Nova Dramaturgia Maria Matos. Contudo, o texto mais antigo que aqui se apresenta é *Hipólito – monólogo masculino sobre a perplexidade*, momento muito importante que marcou o início

OBRAS COMPLETAS

Tomo I - Teatro

Autor

Mickaël de Oliveira

Capa

Nuno Coelho

Fotografia da capa

Bruno Simão, referente a

Hipólito – Monólogo Masculino
sobre a Perplexidade

Paginação

Mário Azevedo

Revisão de texto

Ágata Pinho

© Edições Húmus, Lda, 2015

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão, V.N. Famalicão

T 962 375 305

humus@humus.com.pt

Impressão

Papelmunde

Depósito legal

390067/15

ISBN

978-989-755-110-9

ISBN 978-989-755-110-9



9



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

*dg*ARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

84
[coletivo autor]